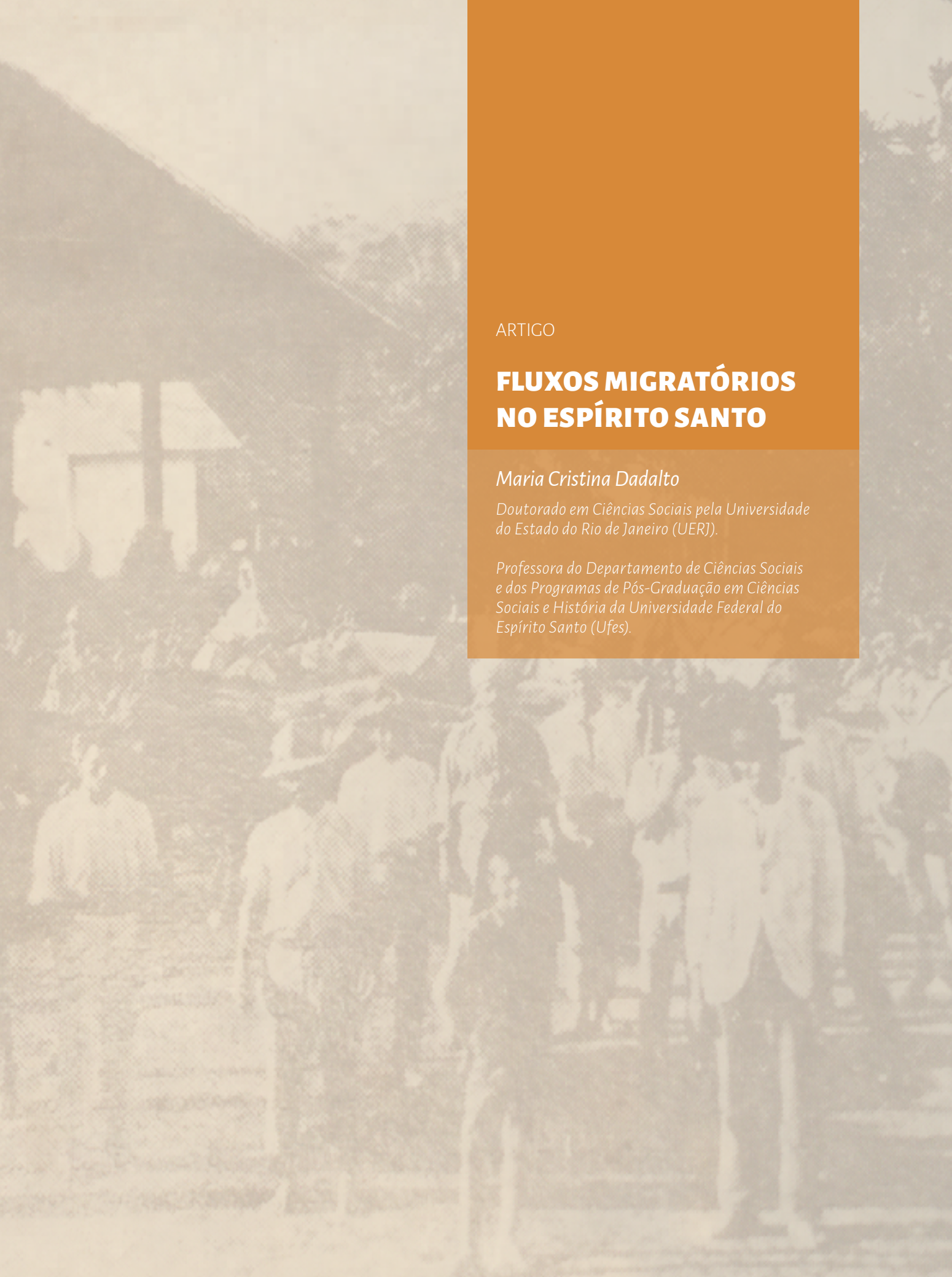




ARTIGO

FLUXOS MIGRATÓRIOS NO ESPÍRITO SANTO

Maria Cristina Dadalto

Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Professora do Departamento de Ciências Sociais e dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).



Rancho de tropas no Município de Santa Teresa, 1917

Resumo

O artigo reflete sobre a diversidade dos fluxos migratórios no Espírito Santo e a narrativa da italianidade no Espírito Santo visando articular o processo étnico identitário experienciado junto a diversidade dos movimentos imigratórios e migratórios de grupos estrangeiros, nacionais, negros libertos e indígenas assentados no Estado e os resultados da hibridização desses fluxos no presente.

Palavras-chave: Imigração. Migração. Espírito Santo. Italianidade. Fluxos Migratórios,

Abstract

The article reflects on the diversity of migratory flows in Espírito Santo and the narrative of Italianness in Espírito Santo in order to articulate the ethnic identity process experienced along with the diversity of immigration and migratory movements of foreign, national, freed black and indigenous groups settled in the state and the results of the hybridization of these flows in the present.

Key words: Immigration. Migration. Espírito Santo. Italianness. Migratory flows

Após sua breve estadia de aproximadamente seis meses na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, entre os anos de 1926 e 1927, Sérgio Buarque de Holanda¹, escreveu o texto *Notas sobre o Espírito Santo*. Nele Holanda (apud BARBOSA, 1988, p. 89) assegurava que:

O estudioso que, como o Sr. Oliveira Viana, desejasse fazer um exame etnológico minucioso da população atual do Espírito Santo, talvez descobrisse que apenas uma minoria quase insignificante dessa população tem raízes antigas na terra onde vive.

Quase todos eles imigraram apenas nos últimos 30 ou 40 anos. É por isso que a população autêntica do Espírito Santo é muito pequena em comparação com os elementos estranhos que povoam essa terra hoje, e seria difícil identificar as características comuns dessas pessoas. Não apenas difícil, mas inútil e enfadonho. Os habitantes de Minas Gerais, da Bahia, do Rio de Janeiro e do Nordeste, bem como os alemães da Pomerânia e da Saxônia, os italianos, austríacos, suíços, sírios e portugueses que aqui se instalarem certamente deixarão aos seus futuros descendentes apenas uma vaga lembrança de sua origem exótica.

Passados mais de 200 anos da chegada dos primeiros fluxos de imigrantes estrangeiros—os primeiros são os açorianos instalados no atual município de Viana, em 1812 (MARIANO, 2019), o Espírito Santo configura-se como uma sociedade marcada pela justaposição desses diferentes grupos étnicos, somados aos negros descendentes de escravizados, indígenas nativos, portugueses e descendentes já estabelecidos. Uma sociedade cuja identidade é o próprio tecido da diversidade que Holanda apontava como um futuro manifesto.

1 Sérgio Buarque de Holanda, recém-formado em direito no ano de 1925, foi convidado por Vieira da Cunha, seu amigo, para conduzir *O Progresso*, um jornal criado recentemente na cidade de Cachoeiro de Itapemirim. Ali ele permaneceu por pouco tempo, bem como atuou como promotor em Muniz Freire — para realizar tal atividade era obrigado a cavalgar aproximadamente seis horas a cavalo. Sobre esse período no Espírito Santo, Manuel Bandeira escreveu no livro *Flauta de Papel*: “Benditos porres de Cachoeiro de Itapemirim! Eles nos valeram a devolução, em perfeito estado, de Sérgio, enfim descerebralizado, pronto para a aventura na Alemanha”. (MENEZES, 2002).

Entre os anos de 1812 à 1973 foram fixados 54.155² estrangeiros, os maiores percentuais entre as décadas de 1860 e 1900: 21,38% (11.583), 15,93% (8.629) e 42,64% (23.093) do total respectivamente (FRANCESCHETTO, 2014). Brasileiros, descendentes de imigrantes vindos da península Itália, a maioria deles italianos das regiões do norte, da Alemanha, da antiga Pomerânia, Espanha, Suíça, Líbano, Síria, China, dentre outros, grupos compõem a mixórdia estrangeira fixados no Estado.

Importante observar, que de acordo com informações da Embaixada da Itália no Brasil (DADALTO, 2008), cerca de 25 milhões de brasileiros são descendentes de imigrantes italianos, estando espalhados principalmente nos estados do sul e sudeste do Brasil, quase a metade no estado de São Paulo. Entretanto, se comparados em termos populacionais não há dados que comprovem que uma parcela significativa de capixabas seja descendente de italianos, conforme narrativa de senso comum repetida entre descendentes ou em reportagens e em vários sites³.

Aliás, os censos populacionais e estudos produzidos por vários estudiosos vêm desqualificando esta narrativa de uma população de descendência italiana em maior quantidade no estado (ALMADA, 1993; DADALTO; MARIANO, 2023). A saber em termos de cotejamento: em 1870 havia no Espírito Santo 52.931 habitantes, em 1872, 82.137; em 1900, 809.783; 1920, 447.902 e em 1940, 750.107 pessoas residindo na Capital e no Interior, conforme verificamos no gráfico a seguir:

2 Segundo Franceschetto (2014) o levantamento de informações dos indivíduos que entraram no Espírito Santo alusivos às últimas quatro décadas, tem como base quase na sua maioria absoluta os Prontuários da Polícia Civil. Nesse sentido, não são um retrato fiel da data de chegada dos imigrantes ao Espírito Santo. Sendo que 124 faleceram durante a viagem.

3 Por exemplo, um artigo publicado no site da Associação Piemontesa de Vitória relatou que no estado, em 2008, mais de 60% da população era composta por italianos descendentes de italianos (<http://www.piemontevitoria.org/htm/inicio.htm>)

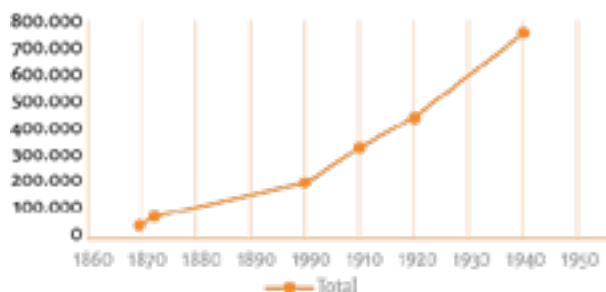


Gráfico 1: Evolução Populacional do Espírito Santo entre 1870-1940
Fonte: Anuário Estatístico do Brasil.

Neste sentido, o que este artigo se propõe a apontar é a necessidade urgente de se debater esta narrativa sobre a italianidade da população espírito-santense com vistas a trazer à luz a importância dos diferentes grupos étnicos que compuseram o mosaico sociocultural do estado. E, sobretudo, entender que, ao se analisar os dados populacionais, a grande maioria é composta por descendentes de mineiros, fluminenses e nordestinos, negros libertos, indígenas e portugueses.

Com esta assertiva não objetivo de forma alguma desqualificar ou reduzir a importância dos imigrantes italianos, alemães, espanhóis, sírios, libaneses etc. que constituíram o que é a população do Espírito Santo. Mas ressaltar a dimensão do estado como um lugar que se construiu a partir de uma pluralidade étnica que exige um destaque por suas singularidades. Portanto, um estado cuja marca identitária é a diversidade.

Neste sentido, acredito que é necessário aprofundar o debate sobre o que sustenta a narrativa da italianidade? Em 2008, publiquei um artigo com a hipótese de que uma produção literária frutífera, principalmente memorialista, produzida por imigrantes ou descendentes sobre a imigração italiana no estado ajudou a construir e fortalecer essa ideia.

No artigo, refleti, com base em um levantamento bibliográfico, sobre o fato de que essas obras levaram a uma cristalização do conhecimento do processo de constituição e desenvolvimento do Espírito Santo (DADALTO, 2008). Isso porque tanto os romances quanto os diários são ricos em enredos baseados na realidade de ambientes inóspitos, nos quais os italia-

nos e seus descendentes sonharam, sofreram, mas acabaram conseguindo superar todas as dificuldades.

Muitos descendentes hoje são empresários, políticos, médicos, advogados reconhecidos como bem-sucedidos no estado e, em alguns casos, no país. Seria esse, então, o argumento fundador da italianidade, que representa a identidade capixaba baseada em italianos trabalhadores e bem-sucedidos? Seriam apenas italianos trabalhadores e vencedores? Não há descendentes de outros grupos que constituíram o Espírito Santo que também têm papel de destaque socioeconômico, político e cultural tanto regional quanto nacionalmente?

Retomando essa questão após mais de 12 anos, amplio essa reflexão procurando apresentar outros elementos que auxiliem no amadurecimento e na compreensão dessa problemática. Nesse sentido, defendendo que a construção da discussão da italianidade como principal etnia que compõe a identidade capixaba permaneceu e se mantém fortalecida, ainda que de forma mais frágil, à sombra da discussão sobre a multiplicidade migracional para o estado, ou ao resultado dos últimos censos demográficos nos quais a maioria da população se declara parda ou negra.

Para tal, apresento duas hipóteses: a circulação de informação não acadêmica que mantém uma narrativa maiormente vinculada a importância dos imigrantes estrangeiros, especialmente os italianos. E, por outro lado, a produção acadêmica ainda incipiente sobre grupos de origem africana e de indígenas, nos períodos anteriores à criação dos programas de pós-graduação no Espírito Santo nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, e no período atual, com circulação limitada nos círculos mais intelectualizados, na mídia e nos grupos de formação de opinião. E, especialmente, uma produção muito reduzida sobre migração nacional.

Tais contextos ajudam a manter um discurso favorável à continuidade da narrativa sobre a italianidade. Inerentes a essas questões estão outras que considero importantes, mas que precisam de outros estudos mais aprofundados e que não serão realizados no âmbito deste artigo. São eles sobre: o papel da imprensa neste discurso; a questão do poder, tan-

to das relações de poder quanto de poder político e econômico; a prevalência de brancos nas academias e instituições públicas até então, dentre outras.

Outros fatores que podem ser indicados são, por exemplo, a ascensão de Gerson Camata, descendente de uma família italiana, que foi eleito governador do estado após o golpe militar, apenas um Renato Casagrande ganhou o poder. Mesmo que após seu governo o estado tenha sido governado por dois descendentes de árabes (Vitor Buaiz e Max Mauro), um negro (Albuíno Azeredo), um descendente de português (José Ignácio Ferreira), um descendente de alemães (Paulo Hartung).

Assim como as comemorações da imigração italiana, e de outras etnias estrangeiras, que, em uma onda de grande despertar, envolvem as cidades e pequenos municípios do estado com apresentações de danças tradicionais, corais, “panelões de polenta” e bandeiras representativas dos países de origem dos imigrantes penduradas nas janelas e nas ruas. Um movimento de “rival” étnico simbólico que atinge sobretudo as gerações de descendentes que já se estabeleceram como classe média (DADALTO, NICOLI, SILVA, 2024 apud GANS, 1979) como ocorreu com a comemoração dos 150 anos da imigração italiana no Espírito Santo, conforme fotografia a seguir.



Figura 1: Selo comemorativo 150 anos da imigração italiana
Fonte: <https://comunidades.org.br/>

Contudo, preciso esclarecer que neste artigo, não apresentarei argumentos que possam verificar essas hipóteses tendo em vista a necessidade de aprofundamento da pesquisa em vários aspectos – levantamento mais completo de dados num recorte amplo de tempo tanto em repositórios acadêmicos, quanto de veículos jornalísticos, número de professores e estudantes brancos e negros nas instituições públicas e privadas etc. Por hora, me permito apenas a ousadia de lançá-las, esperando, inclusive, que outros pesquisadores também possam debater o tema com vistas a confirmá-las ou refutá-las.

Nesse contexto, considero necessário descrever e entender a estrutura social e econômica do Espírito Santo a partir do século XVIII, tentando situar esse período em uma perspectiva diacrônica e sincrônica. Acredito que é importante que seja lançada luz às dimensões micro e macrogeográfica e na circulação de ideias para que seja construído um debate consistente sobre a população capixaba. Mesmo que este artigo se pretenda como um ensaio interpretativo que aponha questões que possam ampliar o debate futuro.

O primeiro quartel do século XIX inaugura o período que delimita a constituição sociocultural e econômica do Espírito Santo, localizado na região sudeste do Brasil. Foi no século XIX que se iniciou o encontro de europeus, sírios, libaneses e asiáticos com aqueles que já habitavam essa terra: indígenas, africanos, portugueses e seus descendentes. Estes últimos já apresentavam os fenótipos da hibridização (HALL, 2003) étnico cultural.

Os imigrantes estrangeiros começaram a chegar em 1812. Naquele ano, um pequeno grupo dos Açores (MARIANO, 2019) se estabeleceu em Viana. A partir de 1847, mais imigrantes chegaram: alemães, pomeranos, italianos, poloneses, suíços, holandeses, tiroleiros, americanos, sírios, libaneses, chineses e outros. A grande maioria, mais especificamente os europeus, veio atraída por assentamentos patrocinados pelo governo.

Sobre a atração dos imigrantes estrangeiros, é necessário destacar que os sírios e libaneses vieram por conta própria. Muitos, inclusive, deslocavam-se do Rio de Janeiro e de Minas Gerais – estados onde

primeiro se assentavam, encontravam os parentes, e de lá rumavam para o Espírito Santo. (SILVA, 2019). No primeiro quarto do século XX, após uma ação entre o governo estadual e a Sociedade de Colonização Polonesa, foi fundada uma colônia de poloneses.

Após a colonização, a maioria dos imigrantes europeus obteve terras para estruturar suas vidas e as de suas famílias. Ao adotar esse modelo político de distribuição de terras, o governo imperial implementou seu projeto colonizador eurocêntrico e buscou projetar, internacionalmente, a imagem de um país civilizado, com progresso e desenvolvimento econômico, em oposição ao país da barbárie, composto por povos indígenas e escravizados negros.

Com relação ao processo de imigração estrangeira para o Espírito Santo, ainda é necessário destacar dois pontos que, a meu ver, são importantes para entender a discussão sobre o italianismo. O primeiro é que as terras concedidas pelo governo sempre foram destinadas a europeus - fato que está associado à construção da ideia de um país civilizado, tendo em vista também o período de modernização pelo qual passava o continente europeu, apesar das mazelas sociais; e o fluxo maciço de imigrantes vindos do norte, mais especificamente da região do Vêneto.

Dos 54.155 imigrantes estabelecidos no Espírito Santo, 36.666 eram italianos. A chegada de imigrantes do Vêneto é justificada, por Franzina (2006), motivada pelo fato de serem pessoas consideradas com índole menos guerreira e com mais possibilidades de serem dominados por um comportamento submisso. E, cujas raízes, este autor debita que são baseadas no modelo feudal.

No entanto, durante todo o período de imigração estrangeira, houve também, paralelamente, uma migração interna composta por mineiros, fluminenses e nordestinos, que, ao contrário dos imigrantes estrangeiros europeus, foram deixados à própria sorte - juntamente com milhares de mestiços e negros brasileiros livres. Assim como os indígenas que habitavam o território espírito-santense de Norte a Sul. Muitos deles, do grupo Macro-Jê, que desafiaram o Império, foram caçados e confinados em aldeias ou simplesmente mortos.

Deve-se observar também que a migração interna de mineiros, nordestinos, fluminenses etc. para o Espírito Santo, até os dias atuais é praticamente invisível, pois, pouco se debate sobre ela. Isso em termos acadêmicos, da mídia ou mesmo ficcionais. Em termos quantitativos, a migração interna pode ser verificada pela evolução da população do Espírito Santo de 1870 a 1940. Nesse período o estado teve um crescimento populacional de mais de 1.400%.

Eram homens, mulheres, crianças, brancos, negros e “pardos” buscando as oportunidades oferecidas pelas áreas pioneiras em expansão. Assim, se correlacionarmos dados dos censos e a crença, baseada no senso comum, de que a maioria da população é de origem italiana, verificamos que há discrepâncias entre os dados e a opinião pública. Com 3.833.712 pessoas (IBGE, 2022), sendo que: 1.908.803 se declararam pardas; brancas, 1.479.275; pretas, 429.680; indígenas, 14.410; e amarelos, 4.268.

Por sua vez, ao analisarmos a produção de estudos ficcionais, memorialísticos, acadêmicos e não científicos sobre imigrantes italianos, descendentes e outros grupos étnicos de 1960 a 2002, encontramos uma produção realizada por imigrantes ou descendentes italianos que já está assentada e tem repercussão pública. Em minhas pesquisas no ano de 2008, examinei 45 obras, das quais: 35,7% são memórias e autobiografias escritas ou reproduzidas por filhos e netos de imigrantes italianos; 13,3% são romances que relatam a imigração estrangeira ou a migração interna no estado.

Os estudos acadêmicos sobre imigração começaram a ser realizados com mais vigor a partir da década de 1990, constituindo 28,8% dos trabalhos pesquisados e analisando principalmente questões relacionadas ao período da imigração estrangeira. Dez estudos não científicos também foram elaborados, representando 22,2% dos trabalhos. Estes dados levantados e, se comparados ao que vem sendo produzido, indica que a produção sobre outros migrantes é mais recente, a partir do século XXI.

Assim, esse levantamento contém uma importante indicação da construção da narrativa da italianidade no Espírito Santo. Especialmente porque a

maioria das publicações diz respeito ao interior do estado. E contam histórias de sofrimento, trabalho e vitória dos imigrantes italianos e seus descendentes no Espírito Santo. É uma narrativa que enfatiza o caráter idealizado do imigrante italiano como homem de negócios, constantemente tentando superar as dificuldades e sempre pronto para recomeçar (Dadalto, 2008).

Esse sentimento de italianidade pode ser percebido em diferentes narrativas e em diferentes ambientes. Um estudo de Marcia Regina Batista (2019) sobre a ocupação da vila de Aracê, próxima a Domingos Martins, na região do Centro do Espírito Santo, no período de 1888 a 1920, identificou um fluxo de italianos, alemães, mineiros, fluminenses, cearenses, negros libertos e indígenas para o local. Reproduzo aqui um trecho de sua pesquisa:

Assim que realizada a primeira entrevista, com uma descendente de alemães (A), a impressão dos pesquisadores era de que a entrevistada estava absolutamente desinformada, já que a fala dela não condizia com o que se conhecia sobre o assunto até então. Segundo A (2018),

A maioria da população é católica, aqui tem muitas pessoas assim mais morenas, descendente de brasileiro mesmo, sem ser nem italianos e nem alemão. Sempre foi assim. A família de alemão é mais Simmer mesmo, que é branca, o resto todos são pessoas mais morenas. Pomerano tem mais é para o Tijuco Preto, aqui tem poucas famílias. A maioria das pessoas daqui é da sua cor, muito pouco mais branco. Os morenos são os Bickel e os Pereiras, o sobrenome é alemão, mas a cor deles não é cor de alemão não. Tem as esposas deles que são as Trabach, já são alemãs (A, 2018, apud BATISTA, 2019).

Ao iniciar a pesquisa, o entendimento de Márcia Regina Batista sobre Aracê, que é um nome indígena, indicava uma ideia generalizada da italianidade do lugar. Essa opinião encontrava base no fato de que o distrito está localizado próxima a um município chamado Venda Nova do Imigrante. Que é altamente visível devido às festividades sobre a imigração italiana que ocorrem lá todos os anos. Mas também a autor-representação dos moradores de Aracê como italia-

nos, como a autora afirma explicitamente no estudo, levou-a inicialmente a compartilhar essa opinião de forma acrítica.

Outro fator que pode ter aumentado a construção da discussão sobre a italianidade é o propósito político da vinda de imigrantes estrangeiros para o Brasil: branquear e tornar a sociedade brasileira “civilizada” (QUIJANO, 2000). E que foi absorvido e dessa forma entendida, histórica, cultura e simbolicamente, pelos estrangeiros europeus e seus descendentes, como indicam os fatos conhecidos como Jagunçada de Santa Teresa (DADALTO, 2017; ROLDI GUARIZ, 2020)

No século XIX, um dos problemas relacionados às identidades dos diferentes grupos se deveu ao maior poder dado aos imigrantes europeus, que contavam com a ajuda do Estado, enquanto as mulheres brasileiras eram deixadas à própria sorte. Assim, os papéis e os lugares foram definidos com base no modelo de dominação branco e europeu. Na avaliação de Goebel (2016, p. 8), um novo tipo de “colonialismo interno” foi imaginado nas fronteiras das Américas.

Esse sentimento é descrito nos romances publicados no estado e também é evidente em vários julgamentos civis que ocorreram no Espírito Santo. Duas situações se manifestam aqui, uma literária, descrita por Virgínia Tamanini, no romance *Karina*, e outra, judicial, com um crime envolvendo brasileiros e imigrantes italianos. Ambas ocorreram na região central de Santa Teresa, no século XIX.

Em *Karina*, Virginia Tamanini relata a experiência de milhares de imigrantes italianos de primeira geração que vieram para o Espírito Santo. Ela começa sua história em meio ao entusiasmo e à emoção causados pelas promessas de Pietro Tabachi, responsável pela introdução do primeiro grupo de imigrantes italianos no Espírito Santo. Desde 1858, ele vinha atuando judicialmente para trazer italianos para a província do Espírito Santo, pois acreditava ser possível fazer fortuna com o sistema de parceria mantido entre a Coroa e seus membros. Tendo recebido favores do governo imperial com o Decreto nº 5295, de 31 de maio de 1873, visitou a região de Trento, sua terra natal, propagando nas aldeias italianas que o Espírito Santo era a terra da Cocanha.

Tamani, em sua narrativa ficcional, apresenta o entrelaçamento das várias etnias, bem como os conflitos entre os personagens que residem no mesmo espaço-tempo das colônias, sintetiza o fenômeno. No livro, a autora revela as dificuldades de não ser um branco, europeu, em um contexto não adequado à diversidade étnica. No caso específico da história, para os não imigrantes, ser brasileiro significava havia também o sentimento de exclusão humana.

Importante ressaltar que os romancistas buscaram os acontecimentos do cotidiano para ficcionar. Eles podem ou não estar diretamente relacionados à sua vida, nem terem acontecido tal qual são representados em suas obras, mas são sentidos da expressão do que se passa num determinado lugar, acontecimento etc. Nessa direção, a importância de validar suas narrativas.

Outra situação ocorrida no interior de Santa Teresa no Século XIX e que demonstra a importância da compreensão dos imigrantes como sujeitos com o poder de embranquecer a população brasileira, resultou em um crime. Um capitão, vindo da Itália, afirma que os donos da terra onde ele e outros estavam assentados eram eles. Os brasileiros eram os usurpadores (DADALTO, 2017; ROLDI GUARIZ, 2020).

A partir desse acontecimento, podemos analisar a mudança do significado simbólico e da percepção de quem somos - que, no caso citado acima, o imigrante europeu, italiano, colonizador, se torna o homem civilizado dono da terra. E o outro, o brasileiro, o bárbaro, aquele que, após a lei que põe fim a escravização, foi privado do direito à sua própria terra.

Estes fatos, tanto o que têm como base o cotidiano romanceado por Virginia Tamani, quanto o que opõe em lado opostos imigrantes e brasileiros, são fatos que demonstram com clareza como o projeto de modernização e civilização do país, atravessado pelo discurso de branquitude populacional, foi mobilizado em favor de milhares de imigrantes europeus. E, sobretudo, que este projeto continua em vigor.

Orlandi (2005, p. 68) considera necessário interpretar os conteúdos das histórias “como discursos, cuja materialidade está relacionada à exterioridade”.

Nesse sentido, entendo que muitas narrativas são representações do imaginário, resultantes do projeto migratório de “vencer na América”, que ainda é levado adiante como um ideal por alguns dos descendentes de imigrantes europeus.

Entendo que a constituição de uma narrativa de um grupo que enfrentou dificuldades inimagináveis no Velho Mundo e superou o desafio de “Vencer na América”, como assim traduz o conteúdo de cartas e relatos dos imigrantes e descendentes, dá a muitos a sensação de que participam dos resultados dessa história de vida, superestimando o papel de um grupo e apagando a história de outros grupos, inclusive imigrantes estrangeiros.

Assim, a questão não é o reconhecimento da contribuição dos italianos para a construção sócio-histórica, cultural, política e econômica do Espírito Santo, isto é reconhecido. Mas a invisibilidade, na história coletiva, da importância dos outros grupos étnicos que participaram desse desenvolvimento: imigrantes estrangeiros e brasileiros dos mais diversos com culturas, valores e símbolos.

Afirmando-se como um estado de maioria italiana, a sociedade capixaba apoia, mesmo que subliminarmente, outras ideias que constituíam o ideal de civilização branca do século XVIII, presente no projeto político migratório do Império. Nega-se toda a intensidade do processo de hibridização que ocorreu no Espírito Santo - como em todo o Brasil.

Isso implica contradizer estatísticas históricas e demográficas, que também estão presentes nos pedidos de cidadania, nas quais há uma diversidade de sobrenomes: desde portugueses à alemães, poloneses, sírios, libaneses etc. (DADALTO, 2008). Mas é, sobretudo, recusar-se a olhar, a compreender a alteridade que compõe os lugares e as cidades amalgamadas por culturas fortalecidas por laços étnicos desde o início da colonização (ibéricos, nações indígenas e várias etnias africanas), que sofreriam novas reconfigurações a partir da chegada de tantas pessoas.

5. Referências

- ALMADA, V. P. F. **Estudos sobre estrutura agrária e cafeicultura no Espírito Santo**. Vitória: SPDC/UFES, 1993.
- BATISTA, Marcia Regina. **Ocupação do distrito de Aracê (1888-1920)**. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, (Dissertação em História), 2019.
- COLBARI, A. Familismo e ética do trabalho: o legado dos imigrantes italianos para a cultura brasileira. **Revista Brasileira Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 34, 1997.
- DADALTO, M. Cristina; DOTA, Ednelson M. Ciclos econômicos e migração no Espírito Santo do século XIX ao XXI: novos contextos, velhos condicionantes. **Revista Ágora**, v. 34, n. 3, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/issue/view/1537>. Acesso em: 18.10.2024. DOI: 10.47456/e-2023340304
- DADALTO, M. C. Os rastros da identidade da diversidade capixaba. **Revista Sinais**, v. 1, n. 01, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/2680> Acesso em 15.6.2023
- DADALTO, M. Cristina. Cenas de violência na tessitura entre imigrantes italianos e brasileiros no interior do Espírito Santo. **Boletim Museu Emílio Goeldi**. Ciências Hum., Belém, v. 12, n. 1, p. 189-200, jan.-abr. 2017.
- DADALTO, M. Cristina; NICOLI, S.; SILVA, A. V. "Noi Siamo la Storia": uma "comunidade" italiana no whatsapp? **Projeto História**, v. 81, pp. 166-196, set.-dez., 2024.
- DOTA, E. M.; FERREIRA, F. C. Dinâmica econômica e urbano-regional no Espírito Santo: reestruturação produtiva e deslocamentos populacionais. **Eure-Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales**, v. 49, p. 1-21, 2023.
- DOTA, E. M. Trajetórias de mobilidade residencial na periferia metropolitana da RM de Vitória: estratégias e conjunturas. **Terra Livre**, v. 2, p. 337-368, 2022.
- DOTA, Ednelson M. Oportunidades de trabalho e a migração rural-urbana no Espírito Santo. **Revista Rural & Urbano**, v. 04, p. 37-56, 2019.
- FRANCESCHETTO, C. **Imigrantes Espírito Santo: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX**. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. (Coleção Canaã; v. 19).
- FRANCISCO NETO, L. **O caso do bairro Adalberto Simão Nader, em Guarapari: um olhar sobre a violência urbana à luz dos fluxos migratórios**. 2019. Dissertação (História) - Universidade Federal do Espírito Santo
- FRANZINA, E. **A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas, Unicamp, 2006.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. São Paulo: Humanitas, 2003
- HOLANDA, Sérgio B. de "Notas do Espírito Santo" In: BARBOSA, F. A. (org.) **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. pp. 89-92.
- GANS, H. J. Symbolic ethnicity: the future of ethnic groups and cultures in America. **Ethnic and Racial Studies**, v.2, n.1, p.1-20, 1979. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/toc/rers20/2/1>. Acesso em: 22 mai. Doi: <http://dx.doi.org/10.1080/01419870.1979.9993248>
- MARIANO, F. P. **Festa do Divino em Viana no Século XXI: memórias afetivas na construção de uma açorianidade capixaba**. Tese (Doutorado em História Social das Relações Políticas). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019
- MARTINS, Robson L. M. Terra, trabalho e café: as experiências de liberdade a partir das memórias dos descendentes de libertos, no sul do Espírito Santo c.1888 - c.1940. Resgate - **Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 32, p. 1-41, 2024. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8676470/35123>. Acesso em: 03/12/2024. DOI: 10.20396/resgate.v32i00.8676470
- MENEZES, M. Eugênia. **Jornal da USP**. Ano XV, n. 601, 17 a 23 de jun, de 2002. Disponível em: <https://www.usp.br/jorusp/arquivo/2002/jusp601/pag1011.htm> Acesso em 18 de novembro de 2024.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, Pontes, 2005
- QUIJANO, A. "Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina" in LANDER, Edgardo (a cura di) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires, CLACSO, 2000. p. 122-151.
- ROLDI GUARIZ, F. (2021). A Jagunçada de Barração: vingança, racismo e morte na comarca de Santa Teresa/ES (1897). **Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, 4(8). Recuperado de <https://periodicos.ufes.br/revapees/article/view/33992>
- SANTOS, A. S. **Sírios e libaneses no sul do Espírito Santo (1890-1930)**. 2019, 388f. Tese (Doutorado em História Social das Relações Políticas). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.
- SILVA, M. G.. **Crescimento urbano-industrial e a dinâmica migratória na Região Metropolitana da Grande Vitória (1960-2010): as particularidades socioespaciais dos impactos no município da Serra**. 2015. Dissertação (História) - Universidade Federal do Espírito Santo,
- SILVA, E. **A exploração de madeira e a territorialização do capital no norte do Espírito Santo (1920-1985)**. 2024. Tese (História). Universidade Federal do Espírito Santo.
- SUCE, D. P. A. **A política habitacional do município de Serra/ES nas décadas de 1960 a 2010: o impacto do fluxo migratório na formulação de políticas públicas**. 2016. Dissertação (História) - Universidade Federal do Espírito Santo
- TAMANINI, Virginia. Karina. Brasília, [s.e.], 1981.
- TRENTO, Angelo. **Do outro lado do atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo, Nobel, 1989.
- VILAÇA, A. **Albergue dos Querubins**. Vitória: SPDC/UFES, 1995.
- VILAÇA, A. **Cotaxé: romance do efêmero estado de União de Jeovah**. Vitória: SEJUC/SPDC/IJSN, 1997.
- VILAÇA, A. **Cartas Fantasmas: era uma vez em Ecoporanga**. Lisboa: Chiado, 218.